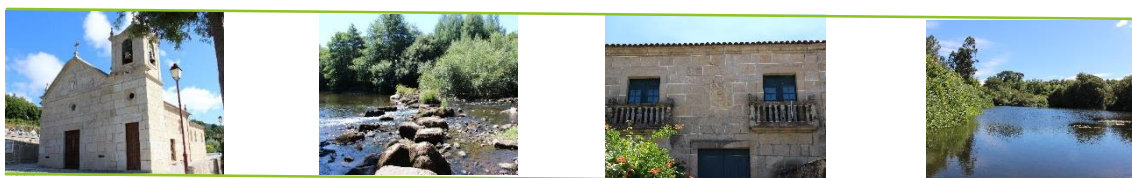




MARIA MOISÉS

Roteiro



Percurso pelos espaços da novela de
Camilo Castelo Branco
em Ribeira de Pena



MUNICÍPIO DE
RIBEIRA DE PENHA





Índice

Introdução	2
Fichas de Visita	3
Santo Aleixo d'Alem Tâmega	4
Poldras de Santo Aleixo	6
Casa da Temporã	8
Casa de Cimo de Vila	10
Casa do Enxertado	12
Ilha dos Amores	14
Mapa	16
Ficha Técnica	17





Introdução

Camilo Castelo Branco viveu em Ribeira de Pena entre 1840 e 1842, em plena adolescência da sua vida. Aqui estudou latim com o padre Manuel da Lixa, foi amanuense do tabelião Luís da Cunha Lemos e aprendeu a jogar às damas e ao gamão com o boticário Macário Afonso. Mas também aqui Camilo casou a 18 de Agosto de 1841 com Joaquina Pereira de França e teve sua primeira filha, Rosa. Não admira, por isso, que embora a sua presença tenha sido efémera, tenha levado consigo as memórias, os espaços e as gentes desta terra à beira-Tâmega entre o Minho e Trás-os-Montes e tenha marcado a genialidade da sua obra literária. Entre as várias as referências que deixou na sua obra, com destaque para os contos como “História de Uma Porta”, “Sexto Casamento” e “Como Ela o Amava”, a novela “Maria Moisés”, inserida nas *Novelas do Minho*, merece uma referência especial. Publicada entre 1876 e 1877, tem por palco esta região ribeirapenense do Vale do Tâmega, entre as freguesias de Santo Aleixo d’Além Tâmega, Santa Marinha e Salvador, correspondente no tempo de Camilo ao território a que se limitava o concelho de Ribeira de Pena. Mais do que os locais, também as personagens, os apelidos e as diferentes personalidades são claramente inspiradas na sua vivência ribeirapenense, tal como a própria história que o terá inspirado e que terá conhecido por meio do seu trabalho de amanuense, onde tomou contacto com um processo de herança de uma exposta que, mais tarde, vê reconhecida a sua filiação nobre.

No ano em que se celebram os 140 anos da primeira edição das *Novelas do Minho*, o Município de Ribeira de Pena apresenta ao público este roteiro percorrendo os locais mais emblemáticos que servem de palco à novela no concelho. Ao visitante é disponibilizada esta edição digital, em cujas fichas de visita poderá encontrar a localização dos espaços, conhecer o seu enquadramento histórico e literário e ler excertos da novela, saboreando as palavras de Camilo junto dos espaços e das paisagens que o inspiraram.





FICHAS DE VISITA



Santo Aleixo d'Além Tâmega

A aldeia de Santo Aleixo d'Além Tâmega pertenceu desde sempre ao concelho de Ribeira de Pena e vem referida nas inquirições de 1220. Desenvolve-se na margem direita do Tâmega numa zona de aluvião, no sopé da Serra do Barroso, situação que lhe confere grande riqueza agrícola e que definiu o desenvolvimento da povoação em torno de um conjunto de propriedades abastadas. Esta riqueza reflete-se no seu conjunto urbano, que, fruto também do ouro brasileiro, preserva a estética da arquitetura tradicional em granito e apresenta um conjunto de casas brasonadas e solarengas digno de nota onde se destacam as Casas da Fecha, Aldeia, Outeiro e Fragão, esta última também conhecida como a Casa do Capitão-mor. Foi sede de freguesia até à reforma administrativa de 2013, que a agregou à freguesia de Salvador. Está inserida nas aldeias de Portugal.

Esta aldeia é ponto central onde se desenvolve o enredo de *Maria Moisés*, com referências frequentes a espaços ainda hoje existentes.



“Maria era alta, refeita, loura e bela como Josefa de Santo Aleixo; mas de uma beleza mais senhoril, menos rica do colorido da saúde e das insolações tépidas, e do ar puro das serras. “

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés*, Segunda Parte



Localização
Santo Aleixo
4870-253 Ribeira de Pena

GPS
41°32'29.01"N
7°48'16.51"O



Nas proximidades:
Levada de Santo Aleixo
Ponte de Arame
Poldrado
Casa do Barroso
Parque de Bragadas





“Subiu o íngreme barrocal da cangosta. Entrou na aldeia de Santo Aleixo, e sentou-se no adro. O cansaço ansiava-o. Da casa da residência saiu então um clérigo ancião, apoiado na bengala, e sentou-se à sombra do plátano do adro, com o breviário debaixo do braço. Reparando no desconhecido, cortejou-o e ofereceu-lhe a sua residência.

- É o reitor desta freguesia? – perguntou o general.

- Sim, senhor. V.^a S.^a não é d’aquém-Tâmega?

- Não sou. Está aqui reitor há muitos anos?

- Há vinte e sete.

- Aqui é aldeia de ricos lavradores, ao que parece.

- Há proprietários muito ricos, os Pimentas, o tenente-coronel, o antigo capitão-mor, etc.

- Se não lhe custa, sr. Reitor, pois que é tão atencioso com os forasteiros, iremos dar um passeio por esta aldeia que me parece muito pitoresca.

- Da melhor vontade.

O reitor dizia-lhe os nomes dos possuidores dos melhores edifícios. Chegaram a um recanto onde se viam ruínas de uma casa de lavrador muito espaçosa. O general parecia querer reconhecer o sítio e a casa.

- Aqui – disse o vigário – morou um lavrador que morreu há uns três anos com mais de oitenta. Chamava-se João da Laje. Bebia um quartilho de aguardente todos os dias, e chegou a idade tão provecta! Fiem-se lá nos médicos! Desta casa tenho eu uma recordação muito funesta. Há que anos isto vai!... Perto de quarenta... Em 1813, quando eu era minorista, vim aqui assistir com a minha sobrepeliz aos resposos de uma pobre rapariga que se afogou no Tâmega, uns disseram que por vontade própria, e outros disseram que por desastre. Era uma flor a moça. Ainda me recordo que, morrendo ela à noite, foi preciso enterra-la ao outro dia, porque não se podia sofrer o cheiro do cadáver. Como a morte em poucas horas transforma uma criatura linda como os anjos num charco de podridões.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*



Poldras de Santo Aleixo

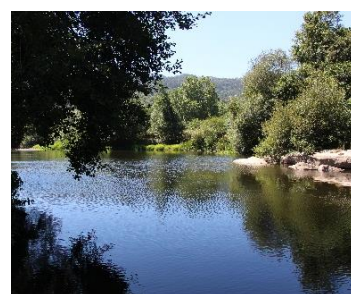
Até ao início do século XX, eram em número reduzido as pontes existentes e que permitiam a travessia segura dos rios de pessoas e bens durante todo o ano. Onde as não existia, eram as poldras, conjuntos de pedras dispostas em linha ao longo do rio, e os açudes que permitiam a passagem onde o caudal era menos volumoso, reservando-se às barcas de vau essa travessia onde o leito aumentava. Em qualquer dos casos representava um sério risco para os transeuntes. Até ao início do século XX as pontes mais próximas de Ribeira de Pena localizavam-se em Chaves e Cavez, a várias léguas de distância. Assim, proliferavam na região os conjuntos de poldras que permitiam a travessia do rio nos meses de estio. Destes conjuntos, as poldras de Santo Aleixo são as únicas que se preservam nesta zona do rio Tâmega, resistindo mesmo aos impactos negativos resultantes da construção de uma ponte de betão no local.

Foi neste conjunto que Camilo Castelo Branco se inspirou para o trágico episódio que vitimou Josefa da Lage em *Maria Moisés*.



“Ao avistar as poldras que alvejavam puídas e resvaladiças ao lume d’água teve vertigens, e disse entre si: «Eu vou morrer». Pôs o berço à cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e esperou que as pancadas do coração sossegassem.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés*, *Primeira Parte*



Localização
Lugar da Ribeira
4870-135 Ribeira de Pena

GPS
41°32'14.21"N
7°47'59.80"O



Nas proximidades:
Ponte de Arame
Casa da Ribeira
Almas da Ribeira





“O moleiro ia conversando com o pastor pela pedregosa cangosta do Estevão. Apesar das palavras animadoras do veterano, o rapaz, ao passar nos lanços mais escuros do pedregal, ia orando mentalmente fragmentos da Cartilha. Os vaga-lumes fosforeavam entre silvedos, e às vezes um melro assustado batia as asas na ramagem das sebes. O pastor então maquinalmente agarrava-se ao braço do moleiro, que lhe metia a riso a covardia.

Ao fundo da viela, que desembocava no rio, havia dois portelos, um à direita para uma várzea de milho espigado com grande folhagem, outro à esquerda para um panascal que entestava com a corrente do Tâmega. Saía então do rio para cangosta um grande vulto alvacentos chofrando na água com pernadas longas e mesuradas. O rapaz expediu um ai rouco e agarrando-se aos suspensórios de couro do moleiro, gritou:

- Ó tio Luís, ó tio Luís!...

- Que é?

-Vossemecê não vê?

- Vejo, pedaço de asno, vejo; é a alma do capitão-mor que anda a pescar bogas com chumbeira...

Não vês que é um homem em fralda? Abre esses olhos, bruto!

Era o caseiro da Quinta de Santa Eulalia, que vinha batendo com a chumbeira as agras do rio por onde o escalo costumava acardumar-se.

- És tu, ó Francisco de Bragadas? – perguntou o moleiro.

- Sou.

- Ouviste por aí berrar uma cabra?

- Há pedaço, berrava ali no bravio do Pimenta; mas já depois a ouvi lá para baixo na Ínsua.

- O peixe cá? Dá cá duas boas para eu cear.

-É má noite. O peixe meteu-se aos poços. Anda coisa má por aqui... Vou-me chegando a casa.

- Coisa má? Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mor anda na serra; mas talvez viesse tomar banho, que a noite está quente.

- Homem – volveu o pescador escrupuloso -, deixemo-nos de graçolas. Aí bem perto donde tu estás, pra lá desses salgueiros, ouvi eu, quando passei pra riba, uma coisa que parecia uma criatura a chorar e a gemer.

- Isso era coruja ou sapo – replicou o moleiro com a intemerata certeza das ciências naturais.

– Se tens medo, vou contigo; mas hás-de repartir do peixe que levas... Lá está a cabra a berrar, ouves rapaz?

- Já passou para além do rio- disse o da chumbeira - ; havia de ser pelo açude. Tendes que fazer. Adeus, Luís.

- Má raios partam a cabra! – praguejou o moleiro. – Temos de ir às poldras. Olha que espiga! Eu antes queria pagar a rês a teu amo que ir agora além do rio!

Neste momento, ouviram gemidos, que pareciam pouco distantes, à beira do rio.

O pastor, com as mãos fechadas sobre a boca, e pondo-se de cócoras, disse:

- Ai Jesus!

- Aquilo é cousa – observou o veterano com pachorrenta reflexão. – Bem dizia o outro. Não é coruja nem sapo... Agora é!

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*





Casa da Temporã

A Casa da Temporã é um solar brasonado situado no vale de Ribeira de Pena, próximo do Rio Tâmega. Fundada na época Medieval, a sua quinta aparece referida no Foral de Pena atribuído por D. Manuel I. Pertenceu ao condestável D. Nuno Álvares Pereira que a incluiu no dote de casamento de sua filha D. Beatriz, estando por isso entre os bens integrantes da fundação da Casa e Ducado de Bragança. Mais tarde passou para a posse do Sargento-mor e Juiz dos Órfãos Ambrósio Gonçalves Lopes, em cuja família se manteve até ao século XX. Tem anexa uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição, do século XVII. Na arquitetura, destaque ainda para a escadaria lateral e o conjunto de varandas que exibem a representação de figuras femininas. Localiza-se no Largo do Pelourinho, onde até ao início do século XX funcionou a Câmara Municipal, integrando este espaço aquele que foi o centro da vila de Ribeira de Pena durante séculos.

Em *Maria Moisés* é proprietário deste solar o juiz-desembargador Fernando Gonçalves Penha, o grande amigo de António Queirós de Menezes.



“Perguntou pelos seus amigos da mocidade: todos eram mortos, exceptuando Fernando Gonçalves Penha, da casa da Temporã, aquele que, a seu pedido, enviara a astuta caseira a Santo Aleixo com o recado da fuga.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés*, Segunda Parte



Localização
Largo do Pelourinho
4870-187 Ribeira de Pena

GPS
41°31'56.59"N
7°47'06.10"O



Nas proximidades:
Solar de Senra de Baixo
Solar de Senra de Cima
Capela da Granja Velha





“Um dia, porém, uma mulher não conhecida de Maria da Laje, muito velha e bem agraciada de semblante devoto, perguntou-lhe no adro, ao sair da missa, como estava a sua Josefa. A lavradeira disse mal humorada o que sabia da doença e perguntou-lhe quem era. A curiosa respondeu que era de além-Tâmega, e viera aquela freguesia por causa de um sonho que tivera. E, dizendo isto, levantou os olhos para o céu, e baixou-os logo para a terra com humildade de pessoal indigna das mercês do alto.

- Então que sonhou você, tiazinha? – perguntou Maria da Laje aconchegando-se da mulher com bastante fé.

- Em sua casa lho direi, pois que a sua casa é que venho.

E deixou cair uma das contas de pau preto, que batendo na imediata do rosário, fez o ruído de umas castanhetas.

Quando entraram no quinteiro, saía o lavrador da adega, onde pela terceira vez fora matar o bicho, aquela hidra de Lerna que botava cabeças todo o santo dia no bucho hercúleo de João da Laje. Vendo a companheira da esposa, perguntou-lhe:

- Quem é essa criatura, ó Maria?

- Que te importa? Se havias de ir a missa, ficaste a beber, borracho! Entre cá para dentro santinha.

- Guarde-o Deus, sr. João – disse a hóspeda.

- Vossemecê não é a Rosária, a mulher do Manuel Tocha, caseiro do sr. Sargento-mor da Temporã? Perguntou João, infitando-se nela.

-Sou, sim senhor.

- Valha-a o demo! Custou-me a conhecê-la! Você vem assim a modo de quem anda a pedir pra uma missa! Se quer beber, entre cá. Você parece esmaleitada, mulher!

- Deus lhe dê saúde; agora não é preciso. Vou cá dentro conversar com a sua companheira à conta dumas meadas.

-Meadas? Vocês lá as arranjam... - disse ironicamente João, ao que a mulher a retorquiou:

-Vai-te deitar.

Ele não se ofendeu, porque em verdade, foi-se deitar, como quase sempre ia, nos fenos do palheiro, onde tinha visões como nunca tivera os narcotizados califas de Damasco, ressupinos em almofadas da Pérsia.

(...) - Deu-lhe pra inchar! – observou a mãe da enfeitiçada.

- Não qu’ele é isso quando o feitiço adrega de pegar d’ostrução – explicou suficientemente Rosária.

- Vejam vocês!- volveu a outra assombrada, cruzando os braços. – Quem ma tolheu?

- Isso agora! – e olhou para o tecto. – Vamos, leve-me onde a ela, que eu preciso requerê-la. Aqui levo as arrelíquias pra lhe deitar ao pescoço.

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*





Casa de Cimo de Vila

Esta casa solarenga é uma das mais antigas do vale do Tâmega e foi casa de Manuel Joaquim Pereira da Sylva, último sargento-mor das ordenanças do concelho de Ribeira de Pena e major do regimento de milícias de Chaves. O vínculo aparece referido no Foral de Pena atribuído por D. Manuel I. O atual edifício terá adquirido a sua traça no século XVI e não terá sofrido alterações de relevo nas reconstruções que sofreu nos séculos XVIII e XIX. Serviu de residência e clínica do Dr. Mário de Menezes, médico municipal nas primeiras décadas do século XX e grande camilianista ribeirapenense.

Camilo Castelo Branco apelidou-o de “carrancudo solar” e nele se inspirou para residência dos Queirós de Menezes e, em particular, de António de Queirós e Menezes, pai de Maria Moisés.



“ Em 1850, trinta e oito anos depois saíra de Portugal, chegou à sua casa de Cimo de Vila, em Ribeira de Pena, António de Queirós e Menezes, reformado com a patente de general no império brasileiro. Tinha sessenta anos. Não casara, nem granjeara família de ordem nenhuma. Viera só, mais velho que a sua idade, cheio de condecorações e mais nada.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Segunda Parte*



Localização

Lomba
4870-213 Ribeira de Pena

GPS

41°31'46.77"N
7°46'42.85"O



Nas proximidades:

Solar de Santa Marinha
Igreja de Santa marinha
Igreja de Nossa Senhora da Guia



“Ao outro dia, o general Queirós de Meneses saiu, pela primeira vez, do seu carrancudo solar, e caminhou a pé e sozinho na direcção do Tâmega. Os homens antigos, quando o viam ao longe, descobriam-se e paravam. Ele parava também diante deles, mandava-os cobrir, e perguntava quem eram. Alguns haviam sido seus companheiros na caça, outros brincaram com ele na infância, e lembravam-se das travessuras do fidalguinho. O general recordava-se daqueles nomes, dava esmola generosa aos necessitados, e oferecia a sua amizade aos outros.

Chegando à ourela do Tâmega, parou defronte da Ínsua. Era ali que Josefa esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal. Um conhecido amieiro de tronco esgalhado em ramos recurvos já não existia. Nesse lugar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.

À porta do moinho apareceu a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.

- Quero.

Já dentro da barca, perguntou-lhe se aquela azenha ali estava há muito tempo.

- Há nove anos, meu senhor. Ali mais arriba havia um moinho que a cheia me levou. Fiquei com dois filhos pequenos, sem modo de vida, nem uma choupana; mas a mãe dos pobres acudiu-me. V.^a S.^a há-de conhecer a senhora da quinta de Santa Eulália.

- Não conheço.

- Então, ainda que eu seja confiada, não é de cá.

- Sou; mas tenho estado longe.

- Lá isso, sim; que dez léguas em redor toda a gente conhece a senhora de Santa Eulália.

Não há outra assim no mundo. Só de enfeitadinhos tem onze de portas a dentro.

- Onze!

- É o que lhe digo, senhor.

- Bom é que haja uma santa onde há tantas mães que abandonam os filhos.

- Não que ele também há muitas desavergonhadas por esse mundo de Cristo. Mulheres más por aqui é casa sim e outra não à ida para cima; mas à vinda para baixo são todas.

O general sorriu-se, e disse:

- Bem faz você em viver perto da ilha: quando a corrupção for geral, fuja para lá.

- Pudera! Mas a mim não me pega o andaço. Tomara eu pão para os meus filhos. Trabalho muito, e o corpo não me pede folia. Tenho esta barca a meter água, e Deus sabe quando terei outra. A mãe dos pobres já me prometeu a madeira; mas eu até já tenho vergonha de ir lá.

- Pois não vá. Amanhã vá você à casa de Cimo de Vila, pergunte pelo Queirós, e receberá o dinheiro para a sua nova barca.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Segunda Parte*





Casa do Enxertado

A Quinta do Enxertado é uma rica propriedade rural do vale de Ribeira de Pena que aparece já referida no Foral de Pena atribuído por D. Manuel I. O edifício solarengo localiza-se no Ruival, aldeia entre Friúme e a Igreja de Salvador que Camilo Castelo Branco terá conhecido muito bem, uma vez que terá participado com frequência nos entremezes organizados pelos proprietários da Casa de Fontes aqui próxima. Trata-se de um imponente edifício em granito cuja riqueza construtiva demonstra o poderio de outros tempos dos seus proprietários.

É para a Casa do Enxertado que Josefa da Lage se dirige quando, no episódio que a vítima, atravessa as poldras do Tâmega, onde iria esperar pelo regresso de António Queirós de Menezes em segurança.



“O meu patrão mandou-me chamar, leu-me a carta, e disse-me que viesse eu falar com vossemecê, custasse o que custasse, e lhe dissesse que fugisse quanto antes de casa e fosse ter a quinta do Enxertado, que é do sr. Antoninho, e lá seria recolhida pelo feitor até ele vir de Lisboa.”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*



Localização
Lugar do Enxertado
4870-180 Ribeira de Pena

GPS
41°31'43.96"N
7°47'59.26"O



Nas proximidades:
Igreja Matriz de Salvador
Capela de Nossa Senhora da Graça
Casa de Fontes



“Josefa, quando descia de manso a escada do seu quarto, amparando-se à parede, trazia debaixo do braço um berço com o filho: era o mesmo berço em que a mãe a criara, uma canastrinha de verga urdida tão densa e solidamente, e com um fundo fasquiado de madeira tão impermeável, que poderia estancar a água sem transudar. Um saiote de beata dobrado envolvia a criança, deitada sobre a velha enxerga de serradura.

A mãe era robusta; sentia-se esvaída, mas contava consigo, se tomasse algum alimento. Na cozinha não estava ninguém quando ela atravessou de passagem para o quinteiro. Olhou para a lareira a ver se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si; era para o converter no leite da sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o testó do púcaro; mas neste instante ouviu os brados da mãe, cuja cama era na tulha, no mesmo plano da cozinha. Estremeceu, cuidando que fosse apanhada; pegou da criança, e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e apertando o berço contra o peito.

O destino era o abrigo que o pai de sua filha lhe dera Da parte de além-Tâmega, logo à ourela do rio, pedira que a fossem guiar no mau caminho da grande légua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se de José da Mónica, o pastorinho que lhe era afeiçoado; mas, ao atravessar o quinteiro ouviu a voz do pai a praguejar contra o rapaz, que perdera a cabra. A Brites de Eirô reconheceu-a a saltar para o campo da Lagoa; o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na cangosta do Estêvão, quando amamentava a criança, e lhe e lhe parecia que a filha, não achando leite, se lhe estirava hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dores outra vez, e sentia-se torvada, desfalecida e sem forças para transpor as poldras, que não estavam perto. Havia de atravessar o ervaçal que o moleiro e o pastor percorreram um quarto de hora depois.

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*



Ilha dos Amores

Com nascente em Espanha, o Rio Tâmega conhece no vale de Ribeira de Pena alguns afluentes importantes, que dilatam a extensão do seu leito. Esta situação proporciona a existência de várias ínsuas que rasgam o caudal cobertas de vegetação, atribuindo pormenores de beleza a este espelho natural das serras do Alvão e Barroso. De entre todas destaca-se a que se localiza entre Viela e Friúme, pela sua dimensão e pela intemporal utilidade, que carinhosamente lhe mereceu a designação de *Ilha dos Amores*. Pela vegetação de choupos e salgueiros ricos em folhagem e de reduzido acesso à margem, é um dos mais emblemáticos espaços que se localizam no Vale do Tâmega.

Pela proximidade com Friúme, Camilo Castelo Branco terá conhecido bem esta paisagem que imortalizou em *Maria Moisés*, onde surge como local privilegiado de encontro entre Josefa da Lage e António Queirós de Menezes.



“Conheço esse bosque. O meu padre-mestre de latim chamava-lhe a Ilha dos Amores; Foi lá que todos os bons latinistas meus condiscípulos lera a Arte de Amar de Ovídio; e o cadete, pelos modos, aplicou as teorias do Sulmonense...”

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés*, *Primeira Parte*



Localização

Friúme

4870-122 Ribeira de Pena

GPS

41°31'56.87"N

7°48'55.69"O



Nas proximidades:

Aldeia de Friúme

Casa de Camilo

Capela de São Gonçalo





“(...) Era pescador e caçador António Queirós e Meneses. Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo. As serras têm sombras do infinito. O coração aí é maior que as dimensões do peito. O homem, como se vê só, no cabeça de um fraguedo, dá-se grandeza extraordinária, mede-se pelo comprimento de horizonte a horizonte. Se o amor lhe rutilou aí como um relâmpago que fulgura numa vasta cordilheira de montes, é um amor olímpico, titânico, imenso, que, disparado sobre a modéstia e singeleza de uma rapariga montesinha, faz lembrar Camões:

*..... Qual será o amor bastante
De ninfa que sustente o dum gigante*

*Andava ele cursando retórica em Coimbra para ir vestir o hábito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e dois anos, e aspecto pouco de bernardo. Era magro e pálido, da palidez dos que amam, segundo o preceito ovidiano: *Paleat omnis amans*. Tinha êxtases nos píncaros das serras, como se ouvisse as harmonias das esferas. Sentia o grande vazio que a retórica lhe não enchia. Queria o amor, não queria tropos; preferia uma mulher feia, se as há, à mais nítida metáfora de Cícero ou Vieira.*

Nestas ideias o encontrou Josefa da Laje, nos montados da sua freguesia. Coraram ambos. Este rubor era o primeiro lampejo do incêndio. Depois, à volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquele combustível edifício de inocência, cheio de fluidos inflamáveis. A serra tinha penhascais, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. Rodeava-os de uma natureza contemporânea do homem vestido da pele do seu confrade em civilização, o grande urso e o grande veado. A forma selvática e antiga do proscénio deu-lhes jeitos de antigos actores da vida animal. Ninguém que os visse, ninguém lhes lesse os grandes livros do padre Sanches acerca do matrimónio. Oh! A solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaélicos, normandos, alheios de tudo o que é epistolografia amorosa, - peles vermelhas mo rigor antropológico, à vista do modo como a gente em honesta prosa costuma casar-se.

Assim seria; mas eles adoravam-se.

- Não será frade – disse-lhe o coração a ele.

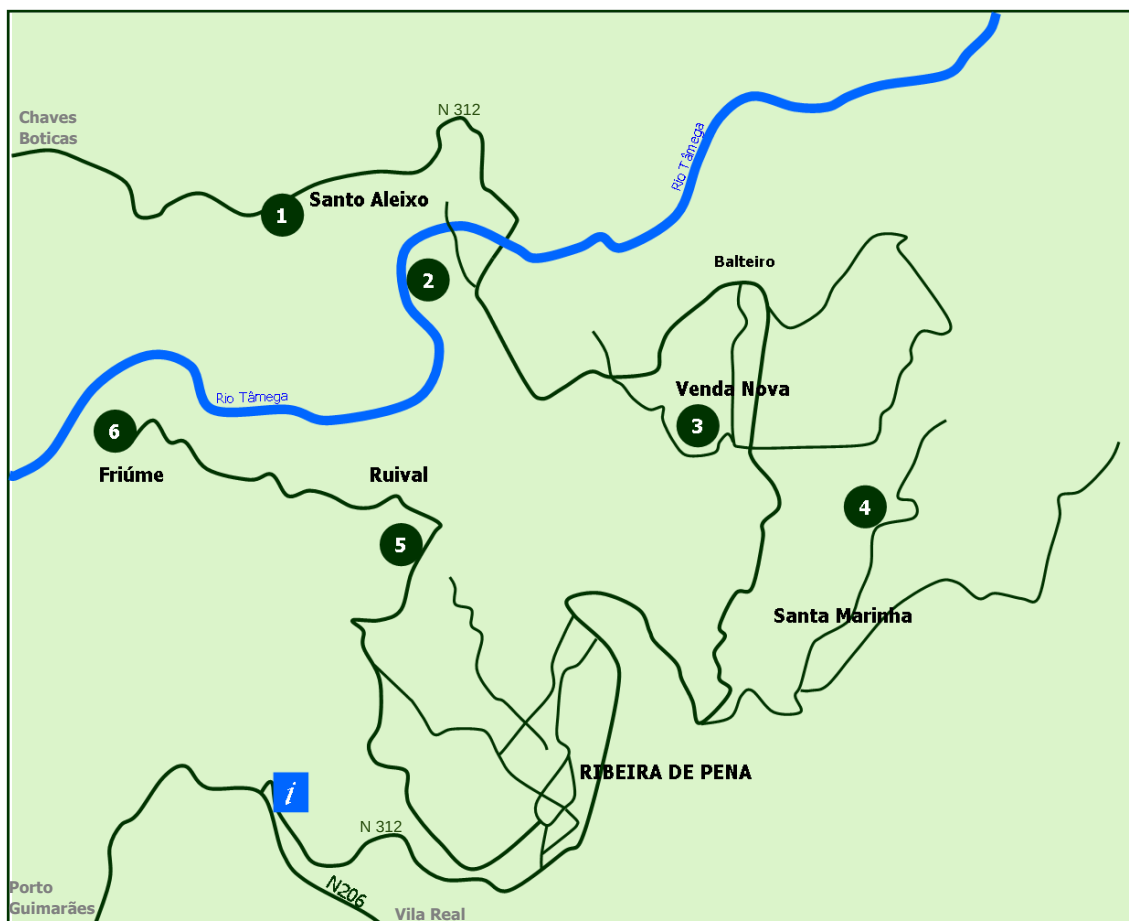
- Assim que meu pai morrer – disse ele à filha do lavrador-, caso contigo. Vou sentar praça, quer meu pai queira quer não. Sou o morgado, porque meu irmão mais velho morreu.

Ela, para ser feliz até às lágrimas, não esperava destas esperanças. Preferia tê-los e amá-lo nas matas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Ínsua, nas alcovas de ramagem que só eles e os rouxinóis conheciam nas margens do Tâmega.

Camilo Castelo Branco em *Maria Moisés, Primeira Parte*



Mapa



- 1 Santo Aleixo d'Além Tâmega
- 2 Poldras de Santo Aleixo
- 3 Casa da Temporã
- 4 Casa de Cimo de Vila
- 5 Casa do Enxertado
- 6 Ilha dos Amores



Maria Moisés

Roteiro

Textos e seleção: Emanuel Guimarães | Grafismo: Ecomuseu de Ribeira de Pena
Edição digital do Município de Ribeira de Pena. 2015

Um roteiro



MUNICÍPIO DE
RIBEIRA DE PENA



www.ecomuseu-rpena.pt

Município de Ribeira de Pena
Praça do Município
4870-152 Ribeira de Pena
Tel.: 259 490 500
Fax: 259 493 520
E-mail: geral@cm-rpena.pt
www-cm-rpena.pt